

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003. 395 p.
- BÍBLIA SAGRADA EVANGÉLICA. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 416 p.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1999. 436 p.
- COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 61 p.
- DIAS, Maria Clara. **Kant e Wittgenstein**: os limites da linguagem. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 125 p.
- HACKING, Ian. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** São Paulo: UNESP, 1999. 183 p.
- MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000. 168 p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: Resumo de cursos:1949-1952: filosofia e linguagem. Campinas, SP: Papyrus, 1990. 246 p.
- PAVIANI, Jayme. **Escrita e linguagem em Platão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993. 78 p.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 223 p.
- ZILHÃO, António. **Linguagem da filosofia e filosofia da linguagem**: Estudos sobre Wittgenstein. Lisboa: Colibri, 1993. 231 p.

A linguagem está sempre a nossa volta, fazendo parte do nosso dia-a-dia e envolvendo nossos pensamentos, sentimentos e acompanhando-os em toda nossa vida.

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento. É nela que temos a capacidade de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, fazendo-nos compreender nossos próprios pensamentos, criando novos sentidos e interpretando o mundo de maneira diferente.

Segundo o filósofo Platão,

a linguagem pode ser um medicamento e um remédio para o conhecimento. Porém, pode ser um veneno quando, pela sedução das palavras, nos faz aceitar, sem que indague se tais palavras são verdadeiras ou falsas. Contudo, a linguagem pode ser cosmético ou maquiagem para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras (CHAUI, 1999, p.137).

Consideramos a linguagem como uma operação intelectual da decifração do pensamento do outro, como um intermediário entre quem fala e quem escuta. Assim, a linguagem é um ato de transcender. Não se pode, pois, considerá-la simplesmente um envoltório do pensamento, é preciso ver nela um instrumento da conquista do eu pelo contato com o outro.

O sentido que habita a linguagem é o sentido situacional de que falamos, ela é fácil de definir quando se aplica a coisas concretas, mas difícil quando se aplica a palavras abstratas.

O mundo da linguagem envolve o ser humano a partir do primeiro momento em que dirige o seu olhar para ele, apresentando com a mesma determinação, necessidade e objetividade que definem o seu encontro com o mundo das coisas.

A partir desse estudo da linguagem, vemos que ela é um produto bastante sofisticado que só a razão humana pode criar. Por isso, a linguagem é simbólica, estruturada, adequada à cultura dentro da qual se desenvolve, adequada ao tipo de pensamento que vai comunicar, expressar, e permite que o ser humano vá além do mundo vivido, do presente, para o mundo das idéias e da reflexão, e permite que ele ultrapasse a sua realidade de vida e entre no mundo das possibilidades. Que exerça, enfim, a atividade produtiva de criar sentidos para o mundo e para sua própria vida.

Seguir uma regra é uma prática da linguagem, cujo critério de compreensão é expresso pela própria regularidade da ação em contextos determinados. Nossa possibilidade de falha o emprego de uma regra não fornece base para o surgimento de uma dúvida que coloque em questão a nossa posse de uma habilidade, garantida por uma performance adequada (DIAS, 2000, p.47).

Assim, a possibilidade de suscitar dúvidas e ambigüidades faz parte do nosso próprio emprego de linguagem, que não condiz com o uso regular de nossas próprias expressões. Do contrário, o uso correto das mesmas estará agora internamente relacionado com a sua compreensão e servirá de critério de compreensão da mesma.

A LINGUAGEM PRIVADA

É uma linguagem cujas palavras devem referir-se àquilo que apenas o falante pode saber. Trata-se de uma linguagem com sentido, que o próprio falante sabe o que quer dizer. E deverá ser capaz de distinguir sensações e estados subjetivos em geral.

Nesta linguagem, apenas o próprio falante tem acesso aos critérios de correção, apenas ele próprio pode saber o que sente. Mas, sempre existe possibilidade de equívoco quanto ao que está sendo elucidado. Para que uma elucidação seja compreendida, é necessário que o interlocutor participe da linguagem. Participando assim da linguagem, esta elucidação torna-se um sucesso.

Wittgenstein ressalta o caráter público da nossa prática da linguagem, a possibilidade de fornecermos elucidações acerca do modo como empregamos nossa expressão a fim de que possam tornar-se compreensíveis para um outro. Desse modo, esperamos do interlocutor uma certa dose de "bom senso", e a capacidade de colocar em suspenso a crença em uma linguagem ideal (DIAS, 2000, p. 66).

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA O HOMEM

Na busca pela expressão e pela comunicação, fizeram surgir a linguagem. Assim, a linguagem virou instrumento inseparável do homem.

A linguagem tem por natureza a função de representar o real, e a importância está sobre seu caráter constituidor do processo conhecimento e da experiência humana, enquanto social e cultural.

“A linguagem deve ser considerada fundamentalmente como discurso, e não como um sistema de natureza formal” (MARCONDES, 2000, p. 145).

Assim, a própria prática da linguagem é o solo do qual emerge o significado de nossas palavras. Revestindo a linguagem aparentemente com a falsa crença de que todos os seus termos têm um único uso e significado. Tomando as frases como instrumentos dos quais nos servimos na prática da linguagem.

A relação de um nome a um objeto, só é possível a partir de uma prática de uso da linguagem, o que destitui a suficiência da associação de um som a um objeto.

Ensinar uma palavra é um exercício da própria linguagem, um exercício da aplicação de um termo em um contexto determinado. O ensino caracteriza assim, o qual se inclui a apresentação de objetos acompanhados de sons. Assim, a associação de uma palavra a um objeto é apenas uma engrenagem, da qual deriva a compreensão de um termo no “curso” da linguagem.

As palavras são instrumentos dos quais nos servimos à prática da linguagem. Nossa capacidade de usá-la corretamente é um critério de compreensão e compreensão individual. Há sempre possibilidade de equívoco quanto ao que está sendo elucidado. Assim, para que uma elucidação seja compreendida, é necessário que nosso interlocutor participe da linguagem, para que esta possa ser completa e satisfatória.

Todo significado pode suscitar dúvidas, o que não o suprime. Podemos esgotar nossas elucidações, e ainda assim, persistirá a possibilidade de novos mal-entendidos.

Assim, seremos capazes de aplicar expressões de acordo com as regras de uso das mesmas, fazendo parte do próprio uso de regras, acerto e erro.

Ao usarmos o jogo de linguagem, estamos agindo em um contexto social, sendo que os falantes seguem regras não apenas lingüísticas, mas também pragmáticas. Assim, as regras deverão ser compreendidas não apenas como possibilidade à ação e expressão de cada indivíduo, mas é através da interpretação do discurso que participa.

A linguagem só pode ser usada eficazmente para a confiança recíproca. Assim, a comunicação só será possível se supõe que os falantes falam de modo inteligível, verdadeiro e justificado. Portanto, o uso da linguagem em uma comunidade é determinado pelo modo no qual a sociedade está estruturada. Por isso a linguagem aparece como neutra, objetiva e universal, ocultando sua relação com crenças, valores e interesses particulares.

Neste sentido, afirmamos que a linguagem tem um caráter ilusório e manipulador, contrário à visão tradicional sobre as condições de realização dos atos de fala que pressupõem o controle do falante sobre a linguagem.

Assim, se compreendermos a linguagem compreenderemos também a natureza. Entendendo a linguagem como constituidora e reguladora da atividade social.

O uso da linguagem consiste em um ato de entendimento mútuo, levando necessariamente a um acordo fundamentado, justificado, ao qual se chega através do diálogo, através da possibilidade de se retomar, interrogar o discurso, característica inerente em princípio a todo uso da linguagem (MARCONDES, 2000, p.112).

A linguagem pressupõe a sinceridade e a verdade como condições de possibilidade para a própria efetuação da comunicação. Distinguindo e estabelecendo critérios de verdade e falsidade, bem ou mal, certeza e erro. É também ideologicamente no jogo do poder, e em sua própria natureza está a possibilidade de subversão de suas normas mais fundamentais.

Este mundo de relações, entretanto, é possibilitado em grande parte pela existência de uma linguagem que é o meio eficaz de realizar esta interação.

Entretanto, não só a linguagem é determinada, ela própria pela estrutura e pelos valores da sociedade da qual ela é expressão, mas também a própria igualdade dos falantes nesta sociedade bem como a uniformidade de sua competência podem ser postas em questão a partir da constatação da existência e de papéis lingüísticos e do que representam em termos da constituição da linguagem.

É por ser o meio de comunicação de uma comunidade que a linguagem se encontra à crítica, que sua inter-relação pode ser reivindicada por qualquer falante, enquanto tal é através deste exame crítico da sociedade da qual é a expressão.

Deste modo, pode se dizer que linguagem e sociedade encontram-se numa relação de interdependência. Por outro lado, a linguagem forma o horizonte que condiciona a experiência que os indivíduos têm da realidade, e neste sentido é constitutiva da realidade (MARCONDES, 2000, p.34).

Assim, a linguagem deve ser entendida como prática social concreta, e como um sistema de atos simbólicos realizados em determinado contexto social, com objetivo preciso e produzindo certos feitos e conseqüências convencionais. Concluindo que a linguagem é como o meio, que através do qual se descreve o mundo ou se interpreta a realidade.

Assim, a linguagem deve ser vista como o modo por excelência de agirmos no mundo, de interagirmos socialmente em uma comunidade. Sendo que ela é constitutiva, tanto da realidade quanto de nossa compreensão dos textos sociais de que participamos.

JOGO DE LINGUAGEM

Wittgenstein (1999, p. 38) define um *"jogo de linguagem como uma combinação de palavras, atos, atitudes e formas de comportamento, isto é, como compreendendo o processo de uso da linguagem em sua totalidade"*.

É através do jogo de linguagem que aprendemos a nos comunicar, expressar e a usar certas palavras.

A linguagem é como uma área a ser investigada, pode ser considerada como um ponto de partida para análise do significado e de conceitos problemáticos. Que através da análise e da investigação procedesse aberta à compreensão de todos os falantes na medida de sua competência lingüística.

Wittgenstein (1999) faz da linguagem como uma caixa de ferramentas, isto é, só adquirimos um significado se soubermos realmente para que serve e para que usá-lo. Embora uma mesma ferramenta, podemos usá-la de diferentes maneiras, varia de acordo com as circunstâncias.

Portanto, uma mesma expressão pode ser usada de várias maneiras e modos, criando assim diferentes significados. Por exemplo: a palavra "conhecer", temos no sentido conteúdo "conhecimento" e no sentido psicológico de conhecer alguém e ainda em outros mais, como na Bíblia, por exemplo, onde "conhecer" é ter relacionamento íntimo na seguinte passagem em que o anjo anuncia à Maria sua gravidez: "*Como poderá ser, pois não conheço homem?*" (Lc 1, 34) (Cf. BÍBLIA, 1998).

As nossas expressões adquirem diferentes funções, de acordo com o contexto no qual elas são empregadas, modificando-se assim, o que quer dizer com elas. Assim, podemos usá-las de diferentes maneiras, varia de acordo com cada circunstância.

Portanto, notamos que nossa linguagem é divisível em regiões, classe social, grau de escolaridade, etc, e que podem ser considerados jogos de linguagem naturais, diversamente dos jogos de linguagem da ciência. Pois, ao jogo, não pertencem só as palavras, mas os objetos, os participantes e outros elementos contextuais.

A linguagem, particularmente nos revela o modo pelo qual ela é distribuída em códigos que correspondem às diferentes classes e grupos sociais, que constituem uma comunidade. A existência destes códigos indica que a experiência dos falantes é condicionada e delimitada pelas características fonéticas, sintáticas e semânticas específicas a cada código, correspondendo aos tipos de relações sociais em que os falantes se encontram e que determinam sua experiência desta realidade. Portanto, não se pode chegar a uma interpretação do significado e do uso lingüístico sem referência à sociedade que os gera.

LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

Carla Cristina Rodrigues

RESUMO: Na busca pela expressão e pela comunicação, fizeram surgir a linguagem. Assim, a linguagem virou instrumento inseparável do homem. A linguagem está sempre à nossa volta, fazendo parte do nosso dia-a-dia e envolvendo nossos pensamentos, sentimentos e acompanhando-nos em toda nossa vida. A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento. É nela que temos a capacidade de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, nos fazendo compreender nossos próprios pensamentos, criando novos sentidos e interpretando o mundo de maneira diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, mundo, jogos de linguagem, comunicar, lógica, expressão, código, linguagem privada, ser humano e compreensão.

Linguagem, em sentido amplo, é qualquer meio usado para a transmissão de uma mensagem, isto é, para comunicar. É a expressão de idéias, valores e sentimentos.

A análise lógica da linguagem tem como finalidade oferecer uma explicação geral de novas possibilidades de compreender o universo.

Segundo Wittgenstein, "*deve se trazer a linguagem de volta de suas férias filosóficas para o seu trabalho do dia-a-dia*" (COSTA, 2002, p.25).

Só através da linguagem podemos representar e compreender o mundo, no qual ela é a chave central da questão conhecimento.

O mesmo se dá quando relacionamos linguagem como questão da natureza do significado de nossas expressões lingüísticas, de como somos capazes de nos referir às coisas por meio de linguagem, de como podemos através de proferimentos lingüísticos, nos comunicar uns com os outros.

A linguagem é, segundo uma imagem do próprio Wittgenstein, como uma nebulosa constituída de múltiplos locais, regiões, sublinguagens mais ou menos aparentadas entre si, e é nelas e nas transgressões de suas fronteiras internas que o filósofo deve focalizar sua atenção (*Ibidem*, p.35).

“As palavras distinguem os homens e os animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado.”

J. J. Rousseau

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 10 de junho de 2005

Hora: 19:35 h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia


Acadêmico(a): Carla Cristina Rodrigues

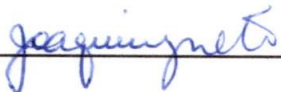
Título: *Linguagem em Wittgenstein*

Componentes da Banca:

Orientador(a): José Geraldo Trindade

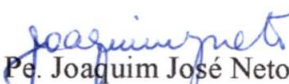
Joaquim José Neto





Nota: 9,6

Rubiataba, 10 de junho de 2005


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

CARLA CRISTINA RODRIGUES



LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

Artigo apresentado à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para conclusão de graduação em Filosofia, sob a orientação do professor José Geraldo Trindade.

30656
Soori

Tombo nº	10534
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	09-09-05

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

CARLA CRISTINA RODRIGUES

LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

**RUBIATABA-GO
2005**